

Para compreender a Espiritualidade em Bioética

Towards understand spirituality in Bioethics

Hacia la comprensión de la espiritualidad en Bioética

Márcio Fabri dos Anjos*

RESUMO: O estudo visa a colher elementos para situar a espiritualidade na Bioética. Explica os diferentes conceitos de espírito, através da história do pensamento, e verifica como o termo se abre a uma pluralidade de conceituações. Mas tal pluralidade não desfaz a contundência de suas questões, pois estas chegam aos tempos atuais merecendo sempre um lugar na agenda de pensadores. O estudo mostra também alguns conceitos principais de espiritualidade que derivam das concepções de espírito. Discute a razão de um lugar para a espiritualidade na Bioética; e, afirmando que não é qualquer espiritualidade que se faz adequada à Bioética, busca delinear características que a tornem adequada.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade. Espírito. Bioética-fundamentos.

ABSTRACT: The study aims to gather elements to point out the place of spirituality in Bioethics. It explains the different concepts of spirit, through the history of thought, and verifies how the term opens to a plurality of conceptualizations. But such plurality does not undo the incisiveness of its questions, for these always arrive at the present time, deserving a place in the agenda of thinkers. The study also shows some main concepts of spirituality that derive from conceptions of spirit. It discusses the reason for a place for spirituality in Bioethics; and, affirming that it is not any spirituality that is adequate to Bioethics, seeks to delineate characteristics that make it adequate.

KEYWORDS: Spirituality. Spirit. Bioethics-conceptions.

RESUMEN: El estudio pretende recolectar elementos para precisar el lugar de la espiritualidad en la bioética. Explica los diversos conceptos de espíritu en la historia del pensamiento y verifica cómo la palabra se abre a una pluralidad de concepciones. Pero tal pluralidad no deshace la radicalidad de sus cuestiones, porque éstas siempre se presentan actualmente, mereciendo un lugar en la agenda de los pensadores. El estudio también demuestra algunos conceptos principales de espiritualidad que derivan de conceptos del espíritu. Discute la razón para haber un lugar para la espiritualidad en la bioética y, afirmando que la espiritualidad adecuada a la bioética no es cualesquier espiritualidad, busca delinear las características que la hacen adecuada.

PALABRAS LLAVE: Espiritualidad. Espíritu. Bioética-fundamentos.

A compreensão da espiritualidade dentro da Bioética passa necessariamente por um conceito básico que lhe dá suporte: o *espírito*. Entretanto, o que é o espírito? Logo se verá que sua conceituação teórica é mais complexa do que à primeira vista pode parecer. Neste breve ensaio, nosso interesse está voltado não propriamente para a conceituação de espírito, mas para o contexto teórico em que inserir a compreensão da espiritualidade na Bioética. Por isto também não esta-

mos preocupados em oferecer uma leitura avaliativa dos diversos posicionamentos e significados com que se assume a espiritualidade. Estaremos contentes em contribuir para ambientar este conceito dentro da pluralidade mais ampla que o abriga, em nosso contexto ocidental. Mas não deixaremos de chamar a atenção para alguns sentidos mais relevantes para seu uso na Bioética. Com este propósito, nossa aproximação se ocupará apenas de aspectos mais gerais do tema.

Espírito: variações conceituais

Espírito é um termo de origem latina que significa basicamente *sopro*, ou *respiro*. Corresponde ao termo grego *pneuma*. Em Latim, os termos *espírito* e *alma* têm uma aproximação conceitual, na medida em que também o termo *alma* deriva da palavra sânscrita *atman*, para significar o *respiro* (Guzzo, Mathieu, 1957, p. 893). Curiosamente o Alemão conserva até hoje

* Doutor em Teologia. Docente do Centro Universitário São Camilo. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião. Membro da Câmara Técnica de Bioética do CREMESP. Professor orientador da Academia de Teologia Moral da Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. E-mail: mfabri@terra.com.br

fielmente esta etimologia, dizendo *atmen* para o ato de respirar.

Subjacente à gênese deste termo está certamente a verificação de que os seres, em uma aparência primária, podem ser distinguidos entre os que autonomamente se movimentam e aqueles que não se movimentam. O movimento autônomo, em contraposição à matéria inerte, colocaria a pergunta sobre a razão ou princípio do movimento. Assim, o conceito de *espírito*, como que por um recurso de metáfora, se serve do respiro para se referir ao princípio vital, que se mostra nos *animais* pela respiração. “Originariamente todos estes conceitos estão compreendidos no termo *nefesh* (hebraico), *psiché* (grego), *anima* (latim), para significar todo ser que respira” (Schaffler, 1995, p. 373).

Mas os significados deste termo se tornam bem mais complexos através da história, tomando outros sentidos mais precisos e mais elaborados. Contribui para isto a consideração filosófica sobre a origem da vida, implicada no princípio vital que responde pelos seres animados. Esta questão se torna ainda mais aguda quando se consideram os seres humanos em suas múltiplas potencialidades, e especialmente em sua capacidade intelectual. Que *espírito* é este que provoca atividades imateriais como o pensar? E de onde vem tal princípio?

Estas questões se perdem na história do pensamento da Humanidade. A filosofia e a própria medicina grega antiga já elaboravam teorias a este respeito. Distinguiu-se o espírito vital (*pneuma zootikón*) que teria sua sede no coração, correndo pelas veias; o espírito físico (*pneuma fisikón*), com sede no fígado, responsável pelas funções nutritivas; e o espírito psíquico (*pneuma psychikón*), com sede no cérebro e nos nervos (Guzzo, Mathieu, 1957, p. 894).

Do espírito como respiro ao espírito como sopro

Uma importante conotação no conceito de *espírito* se dá com a ênfase que sai do *respiro* e se realça no conceito mais provocativo de *sopro*. Culturalmente isto ocorre com a aproximação de *pneuma* ao termo bíblico *ruah*. Este conceito bíblico enfatiza mais o *sopro* criativo pelo qual os seres se *animam* e se movimentam, ganhando vida. É conhecido o relato bíblico da criação do ser humano, modelado de barro e animado pelo *sopro* de Deus (Gn 1,7). Esta ênfase ao espírito como sopro criativo realça naturalmente a manifestação de Deus em comunicar vida; leva à expressão “espírito de Deus” freqüente na Bíblia, e “Espírito Santo”, que é entendida explicitamente pelo cristianismo como personalização de Deus. De modo geral, esta concepção enfatiza o lado dinâmico que dá impulso às expressões de vida. Em síntese, pode-se dizer que o sentido do termo *espírito* “resulta do encontro de duas tradições: o conceito bíblico *ruah*, associado a *pneuma*, se funde de algum modo com o conceito grego de *nous* (intelecto), conferindo um sentido chave para a filosofia e para a teologia” (Schaffler, 1995, p. 373).

A compreensão do espírito como *sopro* levanta a pergunta sobre as formas de participação deste sopro, por parte do ser humano. O termo *espírito* evoca, então, os diferentes dinamismos que expressam a vida, mas realça as diferenças quanto ao rumo que através dele as pessoas imprimem em suas vidas. Paulo Apóstolo contrapõe, neste sentido, o espírito e a carne (*pneuma* e *sarx*), não enquanto significam uma contraposição entre o imaterial e o material; pois ele visa de fato contrapor o direcionamento moral que o ser humano, em sua integralidade, assume ao

ir na direção de valores carnis ou espirituais. Pensadores cristãos dos primeiros séculos do cristianismo, como Clemente Alexandrino (séc. II), usam a expressão “espírito carnal”, para se referir ao impulso vital que leva a se agir em oposição à reta razão (Stromata, líber VI, 6, 520; VII, 12, 79).

Em meio a estas variações conceituais, a característica específica do ser humano, como ser pensante e livre, torna-se um fator decisivo para a conceituação de *espírito*. Em outros termos, o *sopro* que anima os humanos é considerado superior aos demais animais. Assim, em muitos contextos, o termo *espírito* passa a ser reservado para caracterizar a personalidade humana enquanto racional, bem como se refere aos seres não corpóreos dotados do pensar (Deus e anjos p. ex.). Neste sentido, o espírito nos seres humanos corresponde à alma humana com suas propriedades superiores, como consta de afirmações de Santo Agostinho no século V (De anima lib. IV, 22, 36).

Espírito: uma contraposição à matéria?

A distinção entre espírito e matéria é imemorial na história da humanidade. Entretanto, o alcance de tal distinção tem duas linhas de compreensão que se distanciam notavelmente. Em síntese, um modo de compreender distingue espírito e matéria como dois *princípios* constitutivos do ser humano. Distinguem-se, mas se dão de modo essencialmente conjugado para a constituição do ser.

O outro modo distingue espírito e matéria como duas *entidades* que compõem o ser humano. Nesta segunda percepção, passa-se da imaterialidade da alma (*espírito*) para a afirmação de sua imortalidade e até pré-existência com respeito à matéria; atribui-se assim à alma, ou espírito humano, um subsistir

próprio, independente da corporeidade. Chega-se por este caminho a uma polêmica dicotomia entre corpo e espírito, em que fica menos evidente a intrínseca união na qual o espírito, como *sopro*, anima a matéria e não se contrapõe a ela na constituição do ser.

O pensamento teológico cristão, especialmente na alta Idade Média (Tomás de Aquino, séc. 13), procurou sistematizar os diferentes aspectos relacionados com a compreensão da alma. Sem entrar pelos interessantes meandros de tal elaboração, cumpre pelo menos ressaltar que a tradição cristã coloca, em grandes linhas, o espírito humano em constante chamado a interagir com o Espírito divino, para dele se alimentar e por ele se guiar na vida. As religiões, de modo geral, desenvolvem esta questão do relacionamento do espírito humano com o Espírito divino, abrindo-se exatamente para o conceito de espiritualidade que iremos ver mais adiante.

Notas abreviadas sobre o espírito na filosofia moderna

Na filosofia moderna, o termo *espírito* continua a oscilar entre uma pluralidade de conceituações, impossível de ser resumida. Vale considerar que tal período se vê diante do desafio de fazer uma espécie de acerto de contas com as correntes de pensamento anterior e com a transformação sócio-cultural em curso. As concepções que colocam a dicotomia entre corpo e espírito no ser humano; a hegemonia da leitura teológica sobre o espírito; as concepções e práticas do ocultismo desafiando o pensar moderno, eis alguns fatores tomados em conta. Persiste, sobretudo, o desafio de se compreender o ser humano, corpóreo, animado e dotado de potencialidades imateriais.

Assim, dentro de um contexto entremeado de diferentes fatores, se colocam as diversas tendências.

Descartes (†1650) propõe uma substancialização independente da matéria para sustentar a *realidade pensante* (*res cogitans*, diferente da *res extensa*). De fácil leitura é sua obra *As paixões da alma* (2004). Spinoza (†1677) toma outra estrada ao enfatizar o pensamento como um atributo da mente humana, dispensando-se assim de falar do espírito. Locke (†1704) reconhece a necessidade de se referir a uma substância espiritual em que subsistem o pensar, o conhecimento, o agir humano.

Kant (†1804), em seu tratado de antropologia, entende o espírito como o poder produtivo da razão e a originalidade do pensamento. Em sua obra jocosamente intitulada *Träume eines Geistensehers erklärt durch die Träume der Metaphysik* (*Sonhos de um vidente esclarecidos pelos sonhos da metafísica* apud Guzzo, Mathieu, 1957, p. 897-898). Hegel (1830) dedica toda a terceira parte de sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* à filosofia do espírito, desdobrando significativamente sua dimensão cósmica e supra-pessoal. O pensamento de Hegel terá um influxo provocativo em todo o século XIX, que se mostra particularmente abundante na literatura filosófica sobre o espírito. Consagrou-se neste século, particularmente na Alemanha, o termo “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*).

Das diferentes tendências, derivam expressões de linguagem, como ocorre no ambiente saxônico: concentra-se no termo *mente* as dimensões imateriais do humano, especificamente livres e conscientes, e atribui-se mais genericamente ao *espírito* as atividades não deliberadas e não conscientes. A partir disso vemos o uso possível de alguns idiomas, como a língua inglesa, em que o termo *spirit* se refere frequentemente ao álcool.

Entretanto, as várias correntes de pensamento chegam até nos

tempo, carregando perguntas e inquietações profundas sobre o *espírito*. Foge ao propósito deste ensaio fazer uma síntese das correntes e dos principais autores, mas vale reforçar a evidente presença do tema e de grandes expoentes do pensamento que dedicam a ele sua atenção.

Com esta resumida e simplificada referência, queremos modestamente anotar alguns conceitos básicos de espírito e verificar que não se pode contar com um significado único. Sua realidade se presta a múltiplos aspectos e ao mesmo tempo se abre para diferentes interpretações. Indiretamente estas observações servem também para notar que o tema continua relevante e persistente na preocupação de se entender o ser humano em suas características materiais e imateriais. Podemos, assim, passar ao objetivo básico destas reflexões interrogando sobre a espiritualidade na Bioética.

Espiritualidade na Bioética

Ao perceber a diversidade de compreensões do conceito *espírito*, pode-se facilmente imaginar que o termo *espiritualidade*, que dele deriva, terá, também, uma variação de significados. Em vista do propósito deste ensaio, vejamos agora algumas distinções principais que podem ajudar a compreender o lugar da espiritualidade na Bioética. Para ser mais didático, vamos tomar quatro conceitos básicos, que evidentemente não são excludentes entre si. E em seguida abrimos algumas considerações sobre o lugar da espiritualidade na Bioética.

Alguns conceitos básicos de espiritualidade

Mantendo o foco do tema voltado para a Bioética, vejamos alguns conceitos de espiritualidade que podem ser importantes:

a) *A Espiritualidade é o fato de ser espiritual* — Um primeiro sentido de espiritualidade tem um cunho ontológico ao se referir a uma dada característica do ser. Isto se percebe quando mencionamos p.ex. a *espiritualidade* da alma. Este sentido toma mais freqüentemente a forma do adjetivo *espiritual*, que aparece em expressões como “a dimensão *espiritual* do ser humano”, “o caráter *espiritual* do pensamento”, a “força *espiritual* da ação”. Esta forma adjetivada permite ver mais claramente como se afirma uma característica do ser, sem entrar na questão de se entender ou não o próprio espírito como uma substância em si. Este sentido de espiritualidade, embora muito pertinente, tem um uso mais restrito. O sentido mais amplamente empregado é o que vem a seguir.

b) *A Espiritualidade é o conjunto de referenciais e práticas com que se cultivam os valores do espírito* — Este conceito expressa notadamente a ação do ser espiritual, enquanto desenvolve esta sua característica ontológica. Tomada neste sentido, a espiritualidade se dá concretamente em uma enorme variedade de *espiritualidades*. Diferentes concepções antropológicas e cósmicas, diversas formas de entender a relação corpo-espírito, diferentes atribuições de valores, e semelhantes, contribuem para construir tal variedade. Neste âmbito, as espiritualidades acompanham as religiões, enquanto estas oferecem um horizonte de sentidos e significados mais abrangentes em vista da interpretação e compreensão das realidades e particularmente da vida humana. Mas dentro das próprias religiões se estabelecem as diferenças, acompanhando os diferentes momentos culturais, as diversas tendências e ênfases que caracterizam grupos e comunidades. É assim compreensível que possamos mencionar uma “espiritualidade medieval”;

ou caracterizar uma “espiritualidade cristã”, próxima ou distante de “uma espiritualidade budista”; ou mesmo nos referir a uma “espiritualidade franciscana”.

c) *A Espiritualidade é uma disciplina que estuda as teorias e práticas referentes ao cultivo do espírito* — Existem estudos que buscam organizar as diferentes correntes e analisar seus correspondentes conteúdos e propostas. Neste caso o termo *espiritualidade* é usado também para se referir a uma disciplina acadêmica que estuda o conjunto de teorias e práticas relacionadas com o cultivo do espírito. Isto fica claro quando se fala em “curso de espiritualidade”, havendo até mesmo instituições com títulos acadêmicos em *espiritualidade*.

d) *Espiritualidade é o cultivo da dinâmica — ou é a própria dinâmica — que impulsiona o ser humano consciente em seus conhecimentos e escolhas vitais* — Esta conceituação nasce de uma ênfase ao *espírito vivificante*, pelo qual os seres não apenas têm vida, mas têm também vitalidade criativa. Kant (1798 apud Guzzo, Mathieu, 1957, p. 898) em seu tratado de Antropologia, propunha o espírito como o *poder produtivo da razão*, ou a *originalidade do pensamento*. Indo além de uma perspectiva apenas estética, compreendida nesta referência kantiana, a espiritualidade aqui assumida coloca a pergunta sobre a qualidade moral da vitalidade com que o ser humano age enquanto tal. Não se trata da moralidade das próprias escolhas e dos seus conhecimentos, mas da qualidade com que se alimenta o princípio que os guia e anima.

Atualmente ganham força as argumentações para se afirmar que as ciências não são neutras (Lacey, 2006, p. 12-14). Esta não-neutralidade ajuda certamente a compreender o alcance da pergunta sobre a *espiritualidade* que preside as escolhas implícitas no próprio

processo do conhecimento, bem como preside as escolhas de modo geral na vida. Tomada neste sentido, a espiritualidade se torna uma condição humana da qual não se escapa. Será muitas vezes difícil identificá-la e caracterizá-la devidamente, mas de alguma forma ela estará ali presente no ser humano que age como tal, mesmo que não se explicita em termos religiosos.

Um lugar para a Espiritualidade na Bioética

Depois dos abreviados comentários feitos até agora, cabe finalmente a pergunta sobre um lugar para a espiritualidade na Bioética. Logo se percebe que é preciso distinguir o sentido com que se assume este termo. Como vimos, um sentido possível de espiritualidade seria relacionado com a atividade intelectual, que é uma forte característica espiritual do ser humano. Neste sentido, não haveria dúvida em se dizer que a Bioética é sempre uma atividade eminentemente *espiritual*.

Mas certamente não haveria novidade nesta afirmação, como também o termo não é propriamente usado nesta direção. O problema é certamente outro. Mas tal problema pode talvez ser colhido deste mesmo dado, perguntando-se: será que a Espiritualidade na Bioética estaria reduzida somente ao sentido de atividade reflexiva da razão humana?

Considerando o nascimento da Bioética, pode-se admitir que ela, sob certo aspecto, deriva exatamente de uma grave suspeita sobre os rumos que tomam os conhecimentos humanos, em especial os avanços científicos de nosso tempo. E não se trata apenas da utilização de seus resultados, pois os *interesses* em obtê-los passam a presidir as iniciativas das próprias pesquisas. Tal suspeita faz temer pela sobrevivência da vida em um futuro não

muito remoto. As ameaças globais se declaram em fatos concretos e em previsões consistentes. A razão humana se mostra, portanto, ao mesmo tempo criativa e frágil.

Diante desta ambigüidade que fere a razão, o próprio Kant (1794 apud Forte, 2006, p. 71) se dobrou para reconhecer tal fragilidade, acrescentando que “somos absolutamente incapazes de explicar por que em nós este mal corrompeu diretamente a máxima suprema [da razão], embora este mal seja um ato totalmente nosso”. O lugar da espiritualidade na Bioética está assim colocado, ao se reconhecer um “sopro” que “inspira” o conjunto das atividades humanas em alguma direção. Este lugar se coloca de forma inquietante, na medida em que se percebe, por muitos sinais, que a direção que vai sendo tomada pode ser destrutiva das possibilidades de vida.

A este ponto se notam duas coisas: primeiro, que a Bioética, como toda atividade humana consciente, carrega em si um *sopro* ou *inspiração*, ou *espiritualidade* que impulsiona suas atividades reflexivas e propositivas; e segundo, que não serve qualquer *espiritualidade* para que a Bioética se realize. De fato, quando falamos de *espiritualidade* na Bioética, estamos supondo um conjunto seletivo de aspirações (*respirações*) e inspirações que levem em direção da responsabilidade, da proteção e do cuidado diante da vida.

Não é simples, nem cabe descrever aqui em que consiste este *sopro-inspiração* ou *espiritualidade* propícia à Bioética. Nela entram certamente os sentidos que escolhemos para interpretar e guiar os caminhos de nossa vida, os grandes significados com que interpretamos o mundo e os seres que integram o conjunto de nossas relações. Por isto mesmo, autores como Boff (1993; 2001) alertam para a im-

portância da espiritualidade para a ecologia e a experiência atual de mundialização. Neste *sopro-inspiração* de que falamos, entram particularmente os sentidos assumidos para a compreensão e o tratamento que reservamos ao outro diferente e semelhante a nós mesmos. Na relação com o outro, há um movimento de transcendência pela qual o indivíduo sai de si e vai além. A espiritualidade de que falamos inspira este movimento de transcendência em uma direção construtiva e não destrutiva.

A espiritualidade em Bioética não pode se contrapor à razão. Ao contrário, ela se colocaria quase que como uma pergunta sobre “as inspirações da razão”, por meio das quais a característica maior do ser humano se direciona construtivamente nas relações vitais. Assim, a espiritualidade adequada à Bioética estaria sempre aberta aos dados científicos e à racionalidade. Não seria desta forma igualmente conveniente que a espiritualidade fosse confundida com fenômenos místicos. Pois estaria sempre aberta para considerar a interpretação dos fenômenos também com o olhar científico.

A espiritualidade adequada à Bioética não seria necessariamente religiosa, num sentido estrito. As religiões, como vimos acima, contribuem para alimentar este *sopro-inspiração* e, por isto, constituem uma respeitável fonte de espiritualidade, seja pelas tradições de sentido e de significados que oferecem, seja pela partilha de testemunhos e de práticas que mostram e incentivam a espiritualidade por gestos concretos. De fato, a espiritualidade se nutre do apoio, ou seja, do *sopro* que se partilha entre as pessoas, particularmente em sentidos e significados demonstrados em gestos e palavras. De um professor de Bioética que muito estimo, ouvi o

depoimento de que, em sua experiência, o ensino de Bioética mais contundente e duradouro é aquele em que o estudante, para além das teorias, consegue perceber o caráter ético do próprio professor.

Mas pode-se dizer que a espiritualidade não é monopólio das religiões institucionalizadas. E que também as religiões nem sempre escapam de ambigüidades em suas propostas neste assunto, particularmente quando se distanciam da razão e se tornam fundamentalistas e autoritárias. Mas a necessidade de uma espiritualidade persiste, a meu ver, para crentes e não crentes. Será importante reconhecer esta necessidade e ser capaz de explicar para si mesmo, em que ela concretamente consiste. A expressão poética da Bíblia (Jeremias 17,8; Salmo 1,3) sugere a espiritualidade como uma árvore que lança raízes em direção à água; e dali ganha força e inspiração para as atividades, mesmo adversas e complexas, no mundo exterior. Parece importante sondar às vezes onde se lançam nossas raízes para atuar em Bioética.

Concluo com um depoimento que me pareceu sugestivo sobre o tema. Por ocasião do Fórum Social Mundial de 2007, realizado em Nairobi, um dos grupos discutia exatamente a questão da espiritualidade hoje. Ali um parecer coligido por Barros (2007, p. 5) parece resumir vários aspectos aqui levantados. Um dos participantes dizia: “Não participo de nenhuma religião, nem me ponho a questão de Deus, mas vi esta multidão de pobres que conseguiu entrar nas atividades do Fórum. Ao ver a alegria e a criatividade impressionante desta gente, me sinto interpelado em meu ser mais profundo. Não sei o que é espiritualidade, mas imagino que seja esta energia de solidariedade que nos desafia a mudar nossa forma de viver.”

REFERÊNCIAS

- Barros M. Sabedoria para quem ama a vida. Rede: Boletim de cristão das classes médias 2007;5(169):5.
- Boff L. Ética & eco-espiritualidade. Campinas: Verus; 2003.
- Boff L. Espiritualidade: um caminho de transformação. São Paulo: Sextante; 2001.
- Boff L. Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática; 1993.
- Carvalho JJ. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. Brasília-DF: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas; 1992.
- Chamorro G. A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra. São Leopoldo-RS: IEPG, Sinodal; 1998.
- Descartes R. As paixões da alma. São Paulo: DPL; 2004.
- _____. As paixões da alma. São Paulo: Martins Fontes; 1998.
- Forte B. Um pelo outro: por uma ética da transcendência. São Paulo: Paulinas; 2006.
- Guzzo A, Mathieu V. "Spirito". In: Centro di Studi Filosofici Gallarate. Enciclopedia Filosofica. Firenze: Casa Editrice G. C. Sansoni; 1957. v.4, p.893-905.
- Hegel GWF. Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio 1830: a filosofia do espírito. São Paulo: Loyola; 1995 [Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse. Heidelberg, 1817]
- Kant I. Die Religion innerhalb der Grenzen der blossen Vernunft. Königsberg: Friedrich Nicolavivus; 1794.
- Kant I. Anthropologie. Königsberg: [s.n.]; 1798. parágr. 69-71.
- Lacey H. A controvérsia sobre os transgênicos: questões científicas e éticas. São Paulo: Idéias & Letras; 2006 (Values and objectivity in science: current controversy about transgenic crops. Lanham, MD: Lexington Books, 2005).
- Macdowell J. Mente e mundo. São Paulo: Idéias & Letras; 2005.
- Schaffler R. "Geist". In: Lexicon für theologie und kirche. [S.l.]:[s.n.]; 1995. v.4. p.373-375.
- Vauchez A. A espiritualidade da Idade Média Ocidental. Lisboa: Estampa; 1995.
-

Recebido em 3 de janeiro de 2007
Aprovado em 13 de fevereiro de 2007